

Por que Santa Genebra?

cmp 25.10.178

Jolumá Britto

Santa Genebra é aquele chão sagrado de Campinas que dona Jandira Pamplona de Oliveira acaba de doar à cidade, com sua mata verdejante, único espelho da terra que de longe relembra os idos de 1732, do velho Mato Grosso de há mais de dois séculos. Genebra é nome que está ligado em definitivo àquele pedaço de chão lembrando o nome de um dos maiores proprietários e donos de imensa fortuna e de antigas sesmarias transformadas em fazendas: "Tapera", "Boa Esperança", "Monjolinho", onde se situavam dezesseis engenhos de cana para fabricação de açúcar, do agricultor Luis Antonio de Sousa.

Era ele Coronel pertencente às Milícias daqueles tempos, descendente das mais importantes famílias de Portugal, armado de Brigadeiro que o fôra, das Milícias do Governo de D. João VI. Homem fabulosamente rico, que projetou a Vila de São Carlos em toda antiga Província Paulista, no antigo Estado do Brasil, como se escrevia no século XVII.

Em 1817 o Coronel Luis Antônio de Sousa era casado com dona GENEBRA de Barros Leite, e foi em homenagem a sua esposa, sempre dedicada e amiga do lar, que aquele extraordinário português resolveu dar a uma de suas fazendas o nome de SANTA GENEBRA. E aí está explicada a origem de um nome de propriedade agrícola de Campinas, que pouca gente conhecia, junto a antiga gleba que posteriormente pertenceu ao senhor Barão Geraldo de Rezende, na terra onde o "Boi falou". A história deste "boi" foi contada erradamente por uma folha local, cuja propriedade pertencera ao Marquês de Valença, título que ostentou até se tornar no baronato que lhe pertenceu. Se escrevo esta crônica é para esta revelação e acima de tudo informar que o Santuário Ecológico, como é chamada agora aquela área da velha Campinas, não estaria de todo perdida se não hou-

vesse a doação agora feita por dona Jandira, que a ofereceu para uma Fundação à Prefeitura Municipal de Campinas, por que a ACADEMIA CAMPINEIRA DE LETRAS E ARTES já havia solicitado seu tombamento, cujo processo não foi até agora julgado e nem o será por motivos óbvios.

A petição para o tombamento das terras agora doadas foi enviada e está em andamento junto ao Conselho do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo. E justifiquei o pedido que fiz para o tombamento com apresentação de xerox de "clichês" dos nossos jornais diários, que trataram pormenorizadamente do assunto. Nesse documento igualmente solicitei àquele Egrégio Conselho, tombamento de uma outra área que havia sido avaliada pelo Departamento de Morfologia e Sistemática Vegetais da UNICAMP. As duas imagens da Vila de São Carlos e antigo caminho do Mato Grosso de Nossa Senhora da Conceição, foram propriedades daquele sesmeiro de Portugal sendo que a segunda, que está sendo devastada, pertence atualmente ao Governo do Estado de São Paulo.

A Academia Campineira de Letras e Artes, no entanto, sentia-se feliz pela solução dada à mata da Santa Genebra, representada nossa Prefeitura Municipal, pelo nosso ilustre Prefeito em exercício dr. José Roberto Magalhães Teixeira e, pela senhora dona Jandira Pamplona de Oliveira, que naquelas terras ainda tem domínio, resto da grandeza da extensa mata virgem que sempre ornamentou Campinas, nos antigos caminhos da Província de São Paulo.

Resta para complemento da petição que enviei em 1979 que o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Arqueológico e Turístico tombe o outro quinhão de terras da "Santa Eliza".

Diário do Povo - 25-VII-1981

Jolumá sempre errando! Sta Genebra
nunca foi do Brigadeiro, mas de
seu irmão e o nome foi dado em homenagem à

Murphy de Valença

meu